

A vítima sacrificial¹ do submundo da cibercultura

La víctima sacrificial del submundo de la cibercultura

The sacrificial victim of the cyberculture underworld

PRISCILA GONÇALVES MAGOSSÍ²

Resumo: Este estudo dedica-se à caracterização e à crítica da significação histórico-social do submundo da cibercultura, entendido como um regime de sexualidade neoliberal, organizado em *sites* de pornografia, *webcamming* e comercialização de conteúdos eróticos. Investiga-se o processo de recrutamento das trabalhadoras pelos agentes do mercado à luz do conceito de “vítima sacrificial” de René Girard (2004). Os resultados apontam para os principais vetores de sustentação: (i) geográficos (com incidência predominante em regiões do Leste Europeu e da América Latina); (ii) fenotípicos (adequação à estética mediática); (iii) psicoemocionais (associados à legitimação da existência e busca por reconhecimento, nos termos de Axel Honneth, 1995), e (iv) clínicos (conforme classificações da OMS, DSM, APA e CID). Conclui-se que o exercício da profissão depende de mulheres já atravessadas por trajetórias de vulnerabilidade estrutural, uma vez que a naturalização do dano e a intensificação do adoecimento integram o próprio *modus operandi* do mercado da economia erótica digital.

Palavras-chave: submundo da cibercultura; vítima sacrificial; violência contra a mulher

¹ O conceito de “vítima sacrificial” (René Girard, 2004) refere-se a um indivíduo escolhido por um grupo social para ser sacrificado, violentado ou expulso da sua comunidade original. Ao longo do estudo, o conceito será retomado e detalhado.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS/PUC-SP), com bolsa de apoio do CNPq (2010–2014). Possui pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCOM/UNIP, 2022–2023). Email: pgmagossi@gmail.com.

Resumen: Este estudio se dedica a la caracterización y a la crítica de la significación histórico-social del submundo de la cibercultura, entendido como un régimen neoliberal de la sexualidad organizado en sitios de pornografía, plataformas de webcamming y packs de contenido erótico. Se investiga el proceso de reclutamiento de las trabajadoras por parte de los agentes del mercado a la luz del concepto de “víctima sacrificial” propuesto por René Girard (2004). Los resultados identifican los principales vectores de sostenimiento de este régimen: (i) geográficos, con incidencia predominante en regiones de Europa del Este y América Latina; (ii) fenotípicos, vinculados a la adecuación a estándares estéticos mediáticos; (iii) psicoemocionales, asociados a la legitimación de la existencia y a la búsqueda de reconocimiento, en los términos teóricos de Axel Honneth (1995); y (iv) clínicos, conforme a las clasificaciones de la Organización Mundial de la Salud y de la Clasificación Internacional de Enfermedades. Se concluye que el ejercicio de esta actividad profesional depende de mujeres ya atravesadas por trayectorias de vulnerabilidad estructural, dado que la naturalización del daño y la intensificación del sufrimiento psíquico integran el propio modus operandi del mercado de la economía erótica.

Palabras clave: submundo de la cibercultura; víctima sacrificial; violencia contra la mujer.

Abstract: This study is dedicated to the characterization and critical analysis of the historical-social significance of the cyberculture underworld, understood as a neoliberal regime of sexuality organized through pornography websites, webcamming platforms, and erotic content packs. It investigates the recruitment process of female workers by market agents in light of René Girard's (2004) concept of the “sacrificial victim”. The findings identify the main sustaining vectors of this regime: (i) geographical factors, with predominant incidence in Eastern Europe and Latin America; (ii) phenotypical factors, related to conformity with mediatic aesthetic standards; (iii) psycho-emotional factors, associated with the legitimation of existence and the pursuit of recognition, as theorized by Axel Honneth (1995); and (iv) clinical factors, in accordance with classifications established by the World Health Organization and the International Classification of Diseases. The study concludes that the exercise of this profession depends on women already shaped by trajectories of structural vulnerability, insofar as the naturalization of harm and the intensification of psychological suffering constitute the very modus operandi of the erotic economy market.

Keywords: cyberculture underworld; sacrificial victim; violence against women.

Introdução

A pesquisa conduzida³ compreende o submundo da cibercultura como um conjunto de estruturas de poder ancoradas nas tecnologias do virtual, organizadas em *sites* de pornografia, *webcaming* e *packs* eróticos. A dinâmica desse oligopólio cibercultural opera sob o simulacro da sexualidade (Baudrillard, 1991) em tempo real e produz um enxame de violências — obliteradas ou não — contra a mulher⁴.

Nesse regime de sexualidade neoliberal, a intimidade passa a ser governada por métricas algorítmicas, a autonomia é mediada por dispositivos técnicos e a subjetividade é capturada por arquiteturas tecnológicas orientadas pela lógica da eficiência máxima, convertendo dimensões sensíveis da vida em objetos de gestão, circulação e exploração econômica (Foucault, 2008; Harvey, 2019).

Nesse cenário marcado por assimetrias estruturais persistentes, a investigação busca compreender quais trajetórias de vida tornam determinadas mulheres mais suscetíveis à violência sistêmica do mercado da economia erótica digital. Para tanto, questiona-se: quem são as vítimas do submundo da cibercultura? É possível compreender como opera a seleção da “vítima sacrificial” (Girard, 2004) pelo sistema de capatazia (Magossi, 2023)?

O conceito de “vítima sacrificial”, formulado por René Girard (2004), é mobilizado neste estudo como chave interpretativa das dinâmicas de recrutamento e captura simbólica das trabalhadoras. Já o sistema de capatazia refere-se ao conjunto de agentes e dispositivos responsáveis pela operacionalização do recrutamento e da permanência das trabalhadoras no setor, composto por blindagem jurídica, gerentes e equipes de *marketing* dos *sites*, *studios* e produtoras, *coaches* e influenciadoras digitais (Magossi, 2023).

O percurso metodológico da investigação foi estruturado em duas etapas complementares:

³ O presente artigo é inédito e corresponde ao desdobramento de um dos tópicos desenvolvidos no primeiro pós-doutorado da autora (2022–2023). O estudo completo resulta de uma investigação de longa duração e alta complexidade, iniciada em 2016, finalizada em 2023, com atualização dos dados em maio de 2026. Trata-se da articulação de uma análise histórico-estrutural do mercado do erotismo digital a um percurso investigativo qualitativo organizado em etapas complementares, o que permitiu apreender tanto os dispositivos sistêmicos do setor quanto seus efeitos psicossociais de longo prazo. Em razão dos limites de caracteres estabelecidos pelo periódico científico, optou-se pelo condensamento argumentativo, sem prejuízo das etapas centrais do percurso da pesquisa.

⁴ Dados referentes ao primeiro trimestre de 2026 da plataforma *Imlive* (<http://imlive.com>) revelam predominância de mulheres cis entre as contas ativas (95%), seguidas por mulheres trans (4%) e homens (1%).

(i) Pesquisa bibliográfica, fundamentada nas teorias críticas da comunicação e da cibercultura, articulada a uma abordagem etnográfica voltada à análise dos contratos de prestação de serviços, ao mapeamento da publicidade, à estrutura operacional do setor, bem como aos critérios de recrutamento e aos aspectos psicoemocionais mobilizados neste processo.

(ii) Acompanhamento fenomenológico de natureza clínico-qualitativa de 134 trabalhadoras brasileiras do *site* Câmera Privê, de 19 a 38 anos, entre 2019 e 2021, realizado com suporte clínico do psicólogo Thiago Katayama Rolim (CRP 06/99726), mediante adesão voluntária, respeitando os princípios éticos aplicáveis à pesquisa qualitativa envolvendo sofrimento psíquico e violência de gênero.

As classificações clínicas mencionadas ao longo deste artigo derivam exclusivamente do acompanhamento conduzido pelo psicólogo responsável, sendo utilizadas como indicadores interpretativos do sofrimento psíquico observado no *corpus*, e não como categorias rígidas ou totalizantes do fenômeno.

Cabe evidenciar que, em razão da natureza sensível dos relatos e do compromisso ético com a confidencialidade clínica das participantes, o presente estudo não expõe dados individualizados, privilegiando a análise qualitativa dos padrões recorrentes observados no *corpus* e sua articulação teórica com o objeto investigado.

Reconhece-se, contudo, que a complexidade do fenômeno impede seu esgotamento, uma vez que o mercado da economia erótica envolve trajetórias heterogêneas e diferentes formas de elaboração subjetiva da atividade profissional. Ainda assim, não foram medidos esforços para compreender o objeto em múltiplas camadas, a partir de um *corpus* consistente e de um referencial teórico interdisciplinar robusto.

Objetiva-se contribuir para o cinturão crítico da sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura (Trivinho, 2007) ao expor um arranjo estrutural no qual consumo, afetos e subjetividades convergem para normalizar a violência contra a mulher como prática legítima da cibercultura contemporânea.

O modelo de negócios e a seleção das vítimas

A indústria adulta digital emerge no final dos anos 1990, inicialmente por meio de *sites* de pornografia⁵ (1996) e de *webcamming*⁶ (1998). Posteriormente, seus tentáculos expandem-se para uma terceira vertente, a dos comercialização de *packs* de conteúdos eróticos⁷ (2016). A articulação dessas três indústrias distintas, em regime de comunhão estrutural, constitui o que se denomina “submundo da cibercultura” (Magossi, 2023).

O principal instrumento de controle desse oligopólio cibercultural reside no contrato de prestação de serviços, mecanismo comum a todas as plataformas adultas. Os termos de uso possuem validade jurídica equivalente à de um contrato manuscrito e implicam, de forma inevitável, a violação de direitos fundamentais assegurados pela Constituição Federal de 1988, em especial a dignidade da pessoa humana (art. 1º, III), a inviolabilidade da honra e da imagem (art. 5º, V e X) e a vedação à renúncia ampla de direitos da personalidade⁸:

As cláusulas contratuais evidenciam que as operações mercadológicas se estruturam a partir de estratégias rigorosas de controle da vida, incidindo não apenas sobre a produção de conteúdo, mas também sobre a imagem, a identidade, a circulação social e os riscos assumidos pelas trabalhadoras. Esse grau de controle jurídico e simbólico afasta, desde o início, a hipótese de um recrutamento aleatório das profissionais, indicando que a seleção das mulheres integra a própria racionalidade operacional do setor.

Nesse sentido, a investigação parte da premissa de que os sites adultos não se interessam por qualquer mulher, mas por perfis específicos, definidos a partir de critérios predatórios que se aproximam do conceito de “vítima sacrificial”, conforme formulado por René Girard em “O bode expiatório” (2004).

Para Girard (2004), a seleção da vítima sacrificial ocorre em contextos de crise ou desordem social e depende da configuração de acontecimentos e personagens que tornam determinados indivíduos socialmente disponíveis ao sacrifício (Girard, 2004, p. 29). Trata-se de sujeitos portadores de características físicas e psíquicas que os tornam alvos adequados, seja por sua vulnerabilidade, marginalização ou pela percepção de que podem absorver

⁵ Entre os *big players*, destacam-se: *PornHub*; *Xvideos*; *Redtube*.

⁶ Entre os *big players*, destacam-se: *Chaturbate*; *Live Jasmin*; *Imlive*; *Câmera Privê*.

⁷ Entre os *big players*, destacam-se: *OnlyFans*; *Privacy*.

⁸ Termos de uso disponível em: <https://models.cameraprive.com/br/legal/platform-agreement/print>. Acesso em: 15/05/2026.

e redirecionar a violência coletiva sem oferecer resistência, restaurando provisoriamente uma ordem social em colapso. De modo análogo ao mecanismo descrito por Girard (2004), a vítima do submundo da cibercultura é escolhida para absorver a violência coletiva e preservar a engrenagem econômica e simbólica da indústria adulta digital. Essa escolha não é contingente, mas sistemática, fundada em condições materiais, simbólicas e psicossociais que tornam certos sujeitos mais suscetíveis à opressão e à marginalização do que outros, inclusive sob a perspectiva da saúde mental.

Nesse quadro, o problema central da pesquisa é inserido: Como e a partir de quais critérios se dá o recrutamento das trabalhadoras? Os resultados demonstram que essa seleção se orienta sobretudo por critérios geográficos, econômicos e estéticos bem definidos.

Em síntese, a cadeia de comando dos *sites* eróticos prioriza mulheres localizadas no Leste Europeu (sobretudo Romênia e Rússia) e na América Latina (sobretudo Brasil e Colômbia), combinando hipervulnerabilidade econômica e adequação fenotípica estética mediática voltada ao consumo do público masculino.

Dados da Associação Brasileira de Profissionais da Indústria Erótica e Afins (ABIPEA⁹) revelam que a maior parte das trabalhadoras do setor pertence às classes sociais B, C e, *sobretudo*, D, evidenciando a centralidade da desigualdade socioeconômica na composição do setor. Constata-se que mulheres atravessadas por trajetórias de baixos salários e instabilidade financeira tornam-se mais suscetíveis à adesão às plataformas eróticas.

Paralelamente, a entrada e a permanência no mercado também dependem da adequação a padrões estéticos específicos voltados à maximização da atratividade comercial. O processo opera pela imposição de um modelo homogêneo de feminilidade estruturado por marcadores estéticos recorrentes, como juventude, pele clara, silhueta delgada, cabelos longos e busto proeminente, convertidos em parâmetros privilegiados de visibilidade mediática e rentabilidade mercadológica. Conforme observa Joice Berth (2019, p. 72), os corpos femininos selecionados para compor determinados regimes de visibilidade reproduzem padrões excludentes e racializados de beleza, atravessados por relações de objetificação e de controle. Nesse contexto, o

⁹ ABIPEA é uma entidade empresarial criada para representar fabricantes, distribuidores e prestadores de serviços do mercado sexual no Brasil. Dados disponíveis em: <https://www.abipea.com.br/censo>. Acesso em 12/05/2026.

corpo feminino deixa de operar como expressão de singularidade e passa a funcionar como imagem consumível ajustada às exigências do mercado (Berth, 2019, p. 72).

Seguindo com a reflexão, a ausência de mão de obra equivalente em países de alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) com fenótipo similar confirma a lógica da exploração econômica. Em contextos de maior proteção social, contratos que exigem cessão irrestrita da imagem, exoneração de responsabilidade por danos e exposição permanente do corpo tendem a ser recusados. Conclui-se, nesta fase inicial da pesquisa, que o recrutamento na indústria adulta digital se ancora em contextos de hipervulnerabilidade econômica de países periféricos do Capitalismo, nos quais a restrição objetiva de escolhas viabiliza a adesão a contratos estruturalmente violentos.

Aspectos psicoemocionais: Como a existência é legitimada?

Estabelecidas as condições estruturais de recrutamento, a investigação concentra-se nas disposições subjetivas que sustentam a adesão ao discurso do submundo a partir do questionamento: quais fatores psicoemocionais levam determinadas mulheres a legitimar violência do mercado da economia erótica e a confundi-la com “empoderamento feminino”?

A teoria de Girard (1990) sobre o desejo mimético propõe que desejos e aspirações individuais emergem de processos de imitação de um indivíduo-modelo. Nessa perspectiva, o objeto do desejo não possui valor intrínseco, mas adquire relevância à medida que se torna alvo do desejo de outrem. O desejo organiza-se, assim, por uma estrutura triangular entre modelo, imitador e objeto. Uma vez consolidada essa estrutura, desejos individuais são imitados e multiplicados como vontade coletiva.

Axel Honneth (1995), por sua vez, sustenta que os indivíduos são movidos pela busca de reconhecimento tanto na esfera profissional quanto na esfera pessoal. Essa busca não se orienta pela validação de competências objetivas, mas pela legitimação da própria existência, isto é, pelo sentimento de ser socialmente visto, valorizado e reconhecido.

Na articulação entre essas duas abordagens, a pesquisa identifica um mecanismo central de funcionamento do submundo: o uso de capatazes (influenciadoras digitais e *coaches*) como mediadoras simbólicas do recrutamento. O vínculo de identificação e admiração entre vítima e capataz

constitui o núcleo da armadilha publicitária, deslocando o desejo e orientando expectativas de reconhecimento.

Outro ponto a se considerar envolve os anúncios publicitários do mercado da economia erótica: a publicidade não se restringe à promessa de remuneração econômica mas associa o ingresso no setor ao “empoderamento feminino” e à possibilidade da mulher “realizar todos os seus sonhos apenas com uma *webcam* e internet, sem sair de casa!”¹⁰. Esses “sonhos” são sistematicamente vinculados a um estilo de vida específico da sociedade normativa: consumo de marcas de prestígio, carros importados, viagens internacionais e visibilidade social. O empoderamento é, assim, reduzido à posse de bens e à adesão a padrões de consumo, distanciando-se de seu sentido político original, vinculado à luta por igualdade de gênero (Chauí, 1976).

À luz da teoria do reconhecimento (Honneth, 1995), o submundo apresenta-se como promessa de reparação simbólica, oferecendo não apenas sobrevivência financeira, mas reconhecimento social mediado pela visibilidade mediática (Trivinho, 2010). A repetição padronizada das narrativas publicitárias evidencia que o recrutamento não se dirige a qualquer mulher, mas a um perfil suscetível ao “enfeitiçamento” (Morin, 1986) da imagem mediática. Em continuidade temática, Trivinho (2009) afirma que o imperativo da presença mediática na sociedade tecnológica avançada sustenta um drama social silencioso no qual “existir” equivale a aparecer na rede, e aparecer significa exercer poder social. Trivinho (2010, p. 4-10) identifica o “desejo do único” como busca de fama difusa e compensação simbólica diante da ausência de reconhecimento e pertencimento social.

Diante dessas colocações, a primeira fase do estudo conduz à compreensão de que o trabalho no setor adulto não se apresenta apenas como meio de obtenção de renda, mas como promessa de reparação simbólica diante de trajetórias marcadas pela ausência de validação psicoemocional. Assim, o submundo reorganiza o horizonte de valor simbólico das vítimas, fazendo da adequação a padrões estéticos e da exposição mediática instrumentos de reconhecimento social e legitimação da própria existência (Honneth, 1995; Trivinho, 2009 e 2010).

¹⁰ Chamada do *site* Câmera Privê para convidar as vítimas a se cadastrarem na plataforma: <https://models.cameraprive.com/br/>. Acesso em: 02/05/2026.

Quadro clínico: Quais são os sintomas das vítimas?

A segunda etapa da pesquisa contempla o acompanhamento clínico-qualitativo de 134 mulheres brasileiras, de 19 a 38 anos, entre 2019 e 2021, com suporte do psicólogo Thiago Katayama Rolim (CRP 06/99726), pelo viés da fenomenologia. O *corpus* foi composto por participantes que buscaram atendimento psicológico em razão de sofrimento psíquico associado à atividade profissional no setor adulto digital. O processo ocorreu mediante adesão voluntária e confidencialidade clínica. O papel da autora consistiu na análise interpretativa do material clínico-qualitativo produzido durante o período, com foco nos aspectos comunicacionais, simbólicos e sociotécnicos relacionados ao objeto investigado.

O objetivo desta fase da pesquisa consiste em compreender os elementos psicoemocionais implicados no quadro clínico das participantes e nos possíveis processos de adoecimento psíquico associados ao comprometimento progressivo da saúde mental. Na circunferência deste estudo, saúde mental refere-se aos parâmetros clínicos e psicossociais reconhecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), bem como aos referenciais diagnósticos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), da Associação Americana de Psiquiatria (APA), e da Classificação Internacional de Doenças (CID), utilizados para avaliação do sofrimento psíquico e do comprometimento funcional dos indivíduos.

Sob esse enquadramento, os depoimentos obtidos em atendimentos confidenciais revelaram recorrência de experiências associadas a desamparo, abandono e rejeição no histórico familiar, frequentemente vinculadas à baixa autoestima, reatividade emocional e busca contínua por validação afetiva. Além disso, parcela significativa das participantes relatou dificuldades de adaptação às dinâmicas do mercado corporativo tradicional, especialmente no que se refere a horários fixos, organização de tarefas, cumprimento de regras e inserção em hierarquias formais de trabalho. Nos relatos analisados, observou-se que, em determinados casos, a violência explícita do setor adulto era percebida como menos penosa do que as formas difusas de sofrimento vivenciadas na superfície normativa. Segundo Rolim (2023), entre os principais quadros clínicos observados no *corpus* sobressaem-se:

(i) Transtornos Específicos da Personalidade (CID-10 F60), com recorrência de características associadas ao Transtorno de Personalidade Histriônica

(CID-10 F60.4) e ao Transtorno de Personalidade *Borderline* (CID-10 F60.3), bem como Transtorno Afetivo Bipolar (CID-10 F31).

(ii) Transtornos de Ansiedade e Depressão (CID-10 F41 e F33), com casos recorrentes de Transtorno de Pânico (CID-10 F41.0), Transtorno Misto Ansioso e Depressivo (CID-10 F41.2), Transtornos Depressivos Recorrentes (CID-10 F33) e Ansiedade Generalizada (CID-10 F41.1).

Em continuidade aos apontamentos clínicos de Rolim (2023), parcela relevante desses quadros desdobrava-se no uso de substâncias psicotrópicas, distúrbios do sono, transtornos alimentares e episódios de ideação suicida.

Neste ponto da argumentação, importa ressaltar que as categorias diagnósticas mencionadas não operam como enquadramentos fixos da subjetividade das participantes, tampouco como explicações causais isoladas da inserção no setor adulto digital. Referem-se, exclusivamente, a padrões clínicos recorrentes observados no *corpus*, compreendidos em articulação com fatores históricos, sociais e psicoemocionais mais amplos. A presente investigação reconhece, ainda, que esses quadros clínicos não podem ser compreendidos como fenômenos isolados ou exclusivos do submundo, mas como parte de um processo civilizatório abrangente, marcado pela intensificação contemporânea do sofrimento psíquico, conforme apontado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Contudo, embora o mal-estar contemporâneo intensifique o sofrimento psíquico na sociedade tecnológica atual, os relatos observados entre mulheres inseridas no mercado da economia erótica apresentam especificidades relacionadas às dinâmicas sociais, simbólicas e psicoemocionais próprias deste sistema. Esses elementos diferenciam o sofrimento daquele observado entre mulheres inseridas na superfície normativa. Nesse sentido, questiona-se:

O que justifica a recorrência desses quadros clínicos? Por que esses sintomas e não outros?

(ii) O que há em comum nas trajetórias de vida das participantes que as conduz a adentrar e permanecer no setor?

Quais os efeitos psíquicos de longo prazo da inserção no submundo? Os quadros clínicos tendem à estabilização ou à intensificação do sofrimento psíquico?

O objetivo desta etapa do estudo consiste em compreender o sofrimento psíquico e a saúde mental das participantes para além do discurso biomédico e da medicalização da vida. Investiga-se, assim, de que modo a engrenagem

estrutural do submundo incide, de forma cumulativa, sobre as trajetórias psíquicas das trabalhadoras ao longo do tempo.

Condições prévias: Abandono, rejeição e desamparo

No *corpus* analisado, parcela significativa das vítimas adentra o submundo já em estado prévio de sofrimento psíquico, oriundo de traumas familiares e experiências interpessoais marcadas pela confusão entre afeto e mercadoria. O amor foi vivenciado a partir de condicionais de merecimento, em dinâmicas nas quais desamparo e hostilidade constituíam parâmetros recorrentes da vida afetiva. Nesse contexto, o submundo tende a ser percebido como extensão de um modelo de toxicidade já conhecido, e não como uma barbárie inédita.

Boris Cyrulnik (2001), ao estudar os processos de resiliência, demonstra como vínculos comunicativos e ambiente social interferem diretamente na capacidade do sujeito de atravessar adversidades e ressignificar experiências traumáticas. A ausência recorrente de relações estáveis de cuidado, proteção e pertencimento fragiliza os mecanismos de reconhecimento afetivo e social, fazendo com que promessas de visibilidade mediática, validação estética e valorização subjetiva adquiram maior poder de sedução.

Desse modo, as empresas do setor mobilizam simulacros publicitários que associam exposição erótica e monetização do corpo feminino a pertencimento, reconhecimento e reparação simbólica. Sobre essa importante distinção, Malena Segura Contrera (2017, p. 354) esclarece que vínculos comunicativos ultrapassam processos instrumentais de troca de informação, exigindo constituição de laços afetivos e produção compartilhada de significados. Nesse processo, a relação mercantil tende a ser confundida com troca afetiva e vínculo comunicativo, dificultando o reconhecimento da violência inscrita na própria lógica mercantil do setor, sobretudo a gravidade da cessão vitalícia dos direitos de imagem para circulação e comercialização entre os *sites* do oligopólio cibercultural.

Condições posteriores: Potencialização do sofrimento psíquico

Subjugação feminina em prol do controle masculino

Em continuidade investigativa, parcela expressiva dos relatos provenientes do *corpus* clínico revela agravamento do sofrimento psíquico ao longo da inserção profissional no setor. Contudo, esse processo não se explica apenas pela permanência na atividade, mas pelo tipo de relação social e simbólica

produzida pela economia erótica digital. Nesse ponto, impõe-se o questionamento: qual é, de fato, o produto do submundo da cibercultura?

O conteúdo erótico constitui apenas a superfície visível de uma dinâmica mais profunda baseada na comercialização do poder masculino sobre o corpo e sobre a subjetividade feminina. Na dinâmica do videochat adulto, o pagamento não se limita ao acesso a uma imagem ou performance, mas viabiliza a imposição de comandos, expectativas e ritmos de interação que colocam a mulher em posição de subserviência, que é interpelada a existir naquele espaço prioritariamente para servi-lo, agradá-lo e adaptar-se às suas demandas. Nesse arranjo, a relação mercantil organiza-se de modo assimétrico: enquanto o consumidor preserva sua identidade, anonimato e poder de decisão, a mulher é exposta, avaliada e continuamente ajustada às expectativas do outro. Esse regime de interação produz um efeito psíquico cumulativo, uma vez que o exercício profissional exige a suspensão reiterada da própria subjetividade como condição de permanência na atividade.

Vida-dupla

Considerando a fração conhecida do fenômeno, a intensificação do sofrimento psíquico não se explica apenas pela assimetria relacional intrínseca à atividade profissional, mas também pelo modo como essa atividade se inscreve no tecido social mais amplo. Tal dinâmica relaciona-se aos regimes sociais de reconhecimento, nos quais determinadas profissões tendem a ser legitimadas como formas socialmente valorizadas de existência, enquanto outras permanecem historicamente atravessadas por estigmas morais e restrições de pertencimento social (Castoriadis, 1986; Honneth, 1995).

Para Cornelius Castoriadis (1986), o imaginário social corresponde ao conjunto de significações compartilhadas que organizam simbolicamente a vida coletiva, definindo valores, normas, identidades e formas legítimas de existência social. Edgar Morin (2002, p. 15), por sua vez, compreende a cultura como instância que fornece suportes imaginários à vida prática e suportes práticos à vida imaginária, participando diretamente da constituição da subjetividade e das formas de inserção social dos indivíduos. Sobre a temática, Morin observa:

Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). (Morin, 2002, p.15)

Seguindo com a reflexão, Byung-Chul Han (2015) pontua que a sociedade contemporânea produz formas de violência que operam menos pela coerção explícita e mais pela exigência permanente de desempenho, exposição e validação social. Aplicando o recurso teórico ao *corpus* da pesquisa, uma das consequências recorrentes da atividade profissional no submundo refere-se à limitação do trânsito das vítimas em determinados espaços da cultura normativa associada à ausência de reconhecimento social. Não se trata, necessariamente, de impedimento formal de circulação, mas da dificuldade de integrar diferentes esferas da vida social sem ocultamento permanente da própria atividade profissional.

A exclusão progressiva desses pontos de apoio culturais instaura uma condição de vida-dupla, marcada pela tensão entre os valores predominantes da cultura normativa e a lógica do submundo. Nesse contexto, a necessidade recorrente de ocultamento da atividade profissional em ambientes afetivos, institucionais e sociais produz conflitos contínuos entre identidade pública e experiência privada. O deslocamento progressivo dos referenciais de reconhecimento social para os códigos internos do submundo constitui, assim, um dos principais fatores de intensificação do sofrimento psíquico.

Observa-se, ainda, que os proprietários dos *sites* adultos, bem como os consumidores, permanecem ocultos do escrutínio público. Essa configuração evidencia que os agentes centrais da engrenagem reconhecem plenamente o valor concreto e simbólico da aceitação, da valorização e do pertencimento social. A exposição das trabalhadoras na rede, portanto, não constitui elemento neutro da atividade, mas dimensão central da violência psíquica e social implicada neste modelo de negócios.

Afastamento social

Retoma-se aqui um elemento já identificado nas etapas anteriores da pesquisa: a dificuldade de adaptação dessas mulheres ao mercado corporativo da superfície da sociedade normativa. Contudo, uma vez inseridas no submundo, elas são progressivamente afastadas das dinâmicas da vida social convencional e passam a orientar sua existência em função da visibilidade mediática específica da comunidade adulta.

O fluxo de funcionamento do setor adulto digital organiza-se majoritariamente em horários noturnos, deslocando rotinas de sono, sociabilidade e circulação cotidiana das trabalhadoras. Na maior parte dos casos, as trabalhadoras

passam a dormir durante o dia, afastam-se progressivamente de vínculos familiares e reduzem sua participação em espaços convencionais de convivência social e estudo. Soma-se a isso a limitação progressiva dos repertórios comunicacionais e dos horizontes de experiência, uma vez que boa parte das interações cotidianas passa a gravitar em torno da sexualidade, da exposição do próprio corpo, da validação estética e da competição permanente entre pares por visibilidade e monetização.

A perda quase total de referências externas faz com que as dificuldades iniciais não apenas persistam, mas se intensifiquem, à medida que a subjetividade passa a se organizar exclusivamente segundo parâmetros insalubres. Conforme interpretação de Rolim (2023):

O indivíduo inserido no submundo está submetido a um conjunto de imperativos no qual a insalubridade física e mental é pressuposto da engrenagem sistêmica. Nesse sentido, faz parte do método do submundo esvaziar as pessoas das próprias referências, adoecendo-as. O adoecimento, por sua vez, opera a partir de um mecanismo recompensário da própria doença. Assim, a vítima se mantém adoecida numa espiral de retroalimentação da qual o submundo depende para operar. Sendo assim, o apelo do submundo é como o de uma substância química, que se alimenta e se retroalimenta da vida estilhaçada do seu dependente. Por isso, as chances de melhora dos quadros clínicos são significativamente baixas em relação à indivíduos com os mesmos sintomas, porém, ativos em dinâmicas de mundo harmoniosas. Em suma, quanto maior for o tempo de exposição da vítima ao ambiente insalubre do submundo, mais intensos são os sintomas de adoecimento psíquico (Rolim, 2023).

O mapeamento empírico da pesquisa, articulado à leitura de Rolim (2023), permite compreender o submundo como um modelo de negócios que se nutre da vitalidade da alma humana (Hillman, 1993). Isto é, o adoecimento das vítimas não é um efeito colateral da atividade, mas elemento estruturante do próprio *modus operandi* do setor.

Assim, é possível concluir que, embora o submundo inicialmente se apresente como alternativa diante das dificuldades enfrentadas no mercado corporativo tradicional — marcado por rotinas rígidas de carga horária, subordinação hierárquica, exigências disciplinares e relações formais de trabalho —, a permanência prolongada nesse circuito tende a intensificar o sofrimento psíquico. Isso ocorre porque o setor opera a partir de sistemas próprios de signos, significantes e significados marcados pela transformação do corpo feminino em mercadoria, pela lógica da visibilidade permanente e pela precarização dos vínculos afetivos e sociais.

Os estudos de Boris Cyrulnik sobre comunicação e cultura diagnosticam que "os seres organizados são forçados a interagir de modo constante com seu meio para viver" (2001, p.17). Isso significa que uma vez rebaixada à periferia

do imaginário social após a assinatura de um contrato vitalício de doação dos seus direitos de imagem, a vítima tentará adaptar-se à realidade-fantasma na qual está inserida como estratégia de sobrevivência psíquica. Assim, é compreensível a facilidade com a qual o submundo convence essas mulheres a permanecerem ativas no mercado e domesticadas, visto que não é mais possível regressar à vida anterior. Para elucidar esse processo, Rolim (2023) recorre à seguinte metáfora:

Adentrar o submundo é como mergulhar numa piscina. Ainda que o indivíduo saia desta piscina, continuará molhado. A depender do sujeito pode ser que nunca consiga se secar novamente. Isto é, pode ser que a experiência no submundo retroaja em traumas e fobias que impeçam a participação deste indivíduo na superfície novamente, visto que seus referenciais foram reprogramados. (Rolim, 2023).

Dessa forma, o adoecimento físico e psíquico das vítimas deve ser compreendido como resposta sintomática do corpo e da psique a um regime profissional que provoca, simultaneamente, a anulação de si e o isolamento social como condições estruturais de funcionamento.

Leitura simbólica: O que os sintomas comunicam?

Todo comportamento é comunicação. No caso das vítimas do submundo, os sintomas envolvem potencialização do sofrimento psíquico inicial. Na visão da psicologia analítica, por sua vez, o sofrimento psíquico deve ser visto como um sintoma cujo objetivo é mostrar ao indivíduo que a psique está funcionando numa unilateralidade e, portanto, distante da totalidade psíquica. Nas palavras de Jung (2013):

A neurose obriga-nos a ampliar o conceito de ‘doença’ além da ideia de um corpo isolado, perturbado em suas funções, e a considerar o homem neurótico como um sistema de relações sociais enfermo. [...] Infelizmente as Faculdades de Medicina têm dado pouca atenção ao fato de ser grande o número das neuroses existentes e enorme a incidência das implicações psíquicas em doenças orgânicas, que são justamente a causa da sobrecarga do médico que clínica, ainda que ele não o perceba. (Jung, 2013, p. 37-38).

Sobre o tema, James Hillman (1993, p.23) afirma que “o sintoma é o primeiro escudo da psique que desperta e que não quer mais tolerar nenhum abuso”. Isto é, o sintoma não constitui mera disfunção, mas um sinal de limite psíquico, uma espécie de denúncia do inconsciente. Nesse sentido, o ganho de consciência é a chave para o alívio dos sintomas que comprometem a integridade psíquica e possível rompimento do ciclo de adoecimento.

Conforme visto ao longo da argumentação, o submundo é extensão de uma dinâmica de vida na qual a violência está incorporada como *modus vivendi* das vítimas. Na visão freudiana, a repetição de padrões está ligada à pulsão de morte, um ciclo que conduz o sujeito a reviver o que o machucou e não foi elaborado (Freud, 2016). Mesmo quando este indivíduo se torna consciente do sofrimento psíquico e do quadro clínico, é puxado de volta ao sintoma. Para romper, é necessário ressignificar o trauma. A partir de então, pode ser possível transformar a repetição em criação, superando o ciclo compulsivo da dor.

Nesse horizonte, o acompanhamento clínico das 134 trabalhadoras vinculadas ao site Câmera Privê entre 2019 a 2021 revelou um dado que merece destaque: a permanência prolongada das participantes nesse circuito econômico, mesmo diante da consciência das violências estruturais envolvidas. Os relatos obtidos permitiram observar o seguinte cenário:

6 mulheres (4,5%) desligaram-se do setor. Desse total, 3 delas (50%) substituíram a atividade por empregos na superfície normativa, enquanto as outras 3 (50%) desvincularam-se após o estabelecimento de vínculos afetivos com parceiros românticos provedores.

(ii) 1 delas (0,7%) desativou seu perfil, permaneceu alguns meses desconectada, mas retornou à atividade após não conseguir inserção profissional na superfície.

(iii) As demais 129 mulheres (94,8%) não manifestavam intenção de abandonar a atividade, embora demonstrassem consciência do sofrimento psíquico, do quadro clínico e da intensificação dos sintomas ao longo da permanência no setor.

Os dados sugerem que a permanência no setor não pode ser explicada exclusivamente pela dimensão financeira, tampouco reduzida à ausência de consciência sobre o sofrimento implicado na atividade. A recorrência de permanência, mesmo diante do agravamento dos sintomas psíquicos, indica a existência de mecanismos mais profundos de captura subjetiva, pertencimento simbólico e restrição concreta de alternativas sociais e profissionais.

Para melhor compreensão do fenômeno, é importante considerar que o contrato de doação da imagem (fotos, vídeos e apelido) para o oligopólio cibercultural é vitalício. Assim, ainda que a vítima identifique o agravamento do sofrimento psíquico e compreenda sua relação com a dinâmica violenta do submundo, as imagens não serão removidas da rede, visto que constituem

propriedades irrevogáveis das empresas e de seus respectivos mandantes ocultos.

Além disso, as vítimas subordinam-se à mecânica do conformismo (Marcuse, 1979), dispositivo por meio do qual a ordem social tipificada do submundo é continuamente reforçada pelo simulacro publicitário mobilizado por *coaches* e influenciadoras digitais, pelas instruções de gerentes e equipes de *marketing*, bem como por campanhas promocionais, premiações e competições entre pares. Paralelamente, inexistem condições concretas de reinserção profissional na superfície da sociedade normativa, fator que dificulta efetivamente a ruptura com a engrenagem do setor e a possibilidade de mudança de vida.

Nesse cenário, a reprogramação do imaginário social (Magossi, 2023) não se trata de alienação total, mas de entregar ao sujeito aquilo que ele procura diante do vazio de si. A vítima não compreende integralmente a engrenagem macrossocial do submundo — direcionamento de tráfego, agendamento de mídia, circulação algorítmica —, mas tampouco está totalmente alienada sobre o que faz na rede.

Desse modo, a condição alagadora de insatisfação pessoal, carência afetiva e dificuldade de adaptação ao mercado corporativo na sociedade normativa faz com que a vítima “prefira” permanecer no submundo. A manipulação opera, portanto, no plano das forças macrossociais, enquanto, individualmente, o sujeito mantém relativa consciência da sua ação. Trata-se de uma reconfiguração de trajetórias de vidas fraturadas que favorece os proprietários das empresas responsáveis pela construção, produção e circulação dessa estrutura.

Conclusão

O estudo conduzido conclui que o submundo da cibercultura é, simultaneamente, espalhafatoso e silencioso, chafurdado em violências (estruturais, simbólicas e psicossociais) contra a mulher. Espalhafatoso na medida em que ocupa os meios de comunicação, as plataformas interativas e os sistemas algorítmicos com simulacros permeados de desvios semânticos nada inocentes, nos quais relações dramaticamente assimétricas são anunciadas como “entretenimento”, “liberdade” ou “empoderamento feminino”. Silencioso na medida em que seus mecanismos de funcionamento não se deixam apreender por observações pontuais, análises discursivas isoladas ou

recortes empíricos restritos. Trata-se de um modelo de negócios estruturado para dispersar responsabilidades, invisibilizar seus agentes centrais e obscurecer os efeitos psicossociais produzidos pela engrenagem sistêmica, impondo obstáculos significativos à investigação crítica do fenômeno.

Consciente da complexidade do tema, a vítima do setor é uma vítima sacrificial (Girard, 2004) no sentido de que é subjugada e explorada com a finalidade de manutenção de hierarquias e à reprodução de uma ordem patriarcal reconfigurada pelas tecnologias digitais. Nesse arranjo, o afeto e a sexualidade são convertidos em instrumentos de gestão, regulados por métricas, contratos e dispositivos de visibilidade mediática. Cada etapa do processo é estruturada para garantir previsibilidade operacional, controle subjetivo e continuidade econômica, esvaziando progressivamente os referenciais simbólicos das trabalhadoras.

Os resultados deste estudo apontam que os mecanismos que organizam o processo de recrutamento seletivo das vítimas são baseados nos seguintes critérios:

Localização geográfica: hipervulnerabilidade financeira de países periféricos do Leste Europeu (sobretudo Romênia e Rússia) e América Latina (sobretudo Colômbia e Brasil);

Fenótipo: padrão mediático (para servidão e reprogramação do imaginário masculino);

Aspectos emocionais: busca pela visibilidade mediática e fama difusa (como legitimidade da existência);

Quadro clínico: Transtornos Específicos da Personalidade (CID10XF60), com casos majoritários de Transtorno de Personalidade Histriônica (CID10xF60.4) e Transtorno de Personalidade *Borderline* (CID10xF60.3); Transtorno Afetivo Bipolar (CID10xF31); Transtornos Ansiosos (CID10XF41), Transtorno de Pânico (CID 10xF41.0), Ansiedade Generalizada (CID10xF41.1), Transtorno Misto Ansioso e Depressivo (CID 10xF41.2); Transtornos Depressivos (CID10XF33); e Transtornos de Alimentação (CID10x F50).

O avanço da investigação permitiu identificar que o sofrimento psíquico das vítimas é intensificado pela própria natureza da atividade profissional, na qual a violência contra a mulher constitui elemento estrutural. A subserviência exigida, orientada à satisfação do desejo masculino, articula-se a fatores adicionais de adoecimento, como a exposição permanente, a competitividade imposta por métricas de desempenho e a incorporação de imperativos do

regime neoliberal da sexualidade. Soma-se a esse quadro a restrição do trânsito na cultura da sociedade normativa, condição que conduz muitas mulheres à experiência de uma vida-dupla e a conflitos internos persistentes, decorrentes do choque entre valores culturais hegemônico e as exigências de submissão e exposição contínua impostas pelo mercado da economia erótica. Esse processo não se limita ao período de atuação no setor: a cessão vitalícia da imagem cristaliza a captura da subjetividade feminina, prolongando seus efeitos psíquicos para além da atividade profissional e comprometendo de forma duradoura as possibilidades de reconstrução identitária.

A gravidade da situação sugere complemento reflexivo importante: em contextos atravessados por profundas desigualdades sociais, como o brasileiro, mulheres em situação de hipervulnerabilidade financeira e sofrimento psíquico prévio tornam-se alvos preferenciais do sistema de capatazia do mercado do erotismo digital. Essa descoberta catalisa o respectivo dimensionamento do fenômeno estudado, visto que anúncios dos sites eróticos infestam a comunicação mediática de forma indiscriminada, confundido o tecido social. A consciência reificada do senso comum e a credulidade na cultura de massas pouco o percebem: vivem-no.

Abrangendo essas preocupações, a dissecação da engrenagem predatória do mercado da economia erótica revela-se uma urgência para o contexto contemporâneo, sobretudo diante da necessidade de ampliação do debate acadêmico sobre os mecanismos de captura das mulheres inseridas nessa dinâmica. Nesse sentido, a educação mediática consolida-se como ferramenta fundamental para fomentar práticas pedagógicas voltadas à problematização da mercantilização do corpo e da subjetividade feminina, bem como à redução do sofrimento psíquico na cibercultura.

Bibliografia

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHAUÍ, Marilena. Terceira margem: notas para um rodapé selvagem. **Almanaque: Revista de Literatura e Ensaio**, [S. l.], v. 2, p. 54-58, 1976.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: meios, imaginários e desencantamento do mundo**. 2. ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **As três conferências sobre a teoria da sexualidade e outros textos (1901-1905)**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

_____. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARVEY, David. **O capitalismo e suas contradições**. São Paulo: Boitempo, 2019.

HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Nobel, 1993.

_____. **Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior**. São Paulo: Summus, 1995.

HONNETH, Axel. **The struggle for recognition: the moral grammar of social conflicts**. Cambridge: Polity Press, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAGOSSI, Priscila Gonçalves. O sistema de capatazia do submundo da cibercultura. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER: INFORMAÇÃO, TECNODIVERSIDADE E ESTÉTICA, 16., 2023. **Anais [...]**. [S. l.]: ABCiber, 2023. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber16/paper/view/2357/1117>. Acesso em: 12 maio 2026.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo: necrose**. v. 2. São Paulo: Forense, 1986.

_____. **O homem e a morte**. Portugal: Europa-América, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Mental health and substance use**. Disponível em: <https://www.who.int/teams/mental-health-and-substance-use>. Acesso em: 12 maio 2026.

ROLIM, Thiago Katayama. Acompanhamento clínico-qualitativo integrante de: MAGOSSI, Priscila Gonçalves. **Submundo da cibercultura: violência contra a mulher e reprogramação do imaginário social**. Pesquisa de pós-doutorado em Comunicação e Cultura Midiática, Universidade Paulista, São Paulo, 2022-2023. Disponível em: https://www.academia.edu/115746356/Submundo_da_cibercultura_viol%C3%Aancia_contra_a_mulher_e_reprograma%C3%A7%C3%A3o_do_imagin%C3%A1rio_social. Acesso em: 12 maio 2026.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura: obliteração estrutural da esfera pública no cyberspace**. São Paulo: cópia reprográfica e digital, 2009.

_____. Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura: significação social-histórica de um substrato cultural regressivo da sociabilidade em tempo real na civilização mediática avançada. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 19., 2010. **Anais [...]**. [S. l.]: COMPÓS, 2010. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_287.pdf. Acesso em: 12 maio 2026.

Recebido em: 02/02/2026

Aceito em: 11/07/2026